Carta em vermelho.

Deitada na cama embalava-se com sonhos, que aparentavam infantilidade, os quais nunca havia se permitido ter. Olhava para o teto, nada via, o que não importava realmente, apenas relembrava tudo o que havia acontecido e, baseada nisso, planejava seus futuros dias. Sua cama era macia, com sedosos lençóis carmim, os quais aparentam ser novos. Sua irmã, que antes desse dia só a tinha visitado duas vezes em dez anos, gentilmente a maquiara para essa ocasião especial. Ao olhar-se no espelho, constatou que estava belíssima, como as bonecas que dominaram as vitrines da sua infância, as quais tanto admirara, porém nunca tivera. Ainda aconselhou-a a descansar, e, pensou, deveria estar certa. Aquele tempo seria um pouco longo, talvez cansativo.

A roupa escolhida para a ocasião era branca, um vestido simples, também de cetim. Não usava sandálias, nunca gostara muito delas, e agora não eram necessárias, não enquanto estivesse deitada. Lembrava-se de sua mãe (dentre todos da família, ela sempre fora mais próxima), que outrora reclamara sobre o quanto se esquecia da manutenção da aparência, porém a verdade é que nunca ligara muito para isso, o que só piorou depois de entrar para a polícia.

Acontece que Ágata sempre fora curiosa, o que foi motivo para muitos dos castigos que sofrera por parte do pai. Tal curiosidade levou-a ao Departamento de Investigação de Homicídios, uma subdivisão policial que contava com pouquíssimas mulheres. Depois de algum tempo, sua razão e o dom de resolver casos observando provas chamaram a atenção do Supervisor Geral do lugar, que a promoveu Chefe do Departamento. Não foi à toa a repercussão que a decisão provocou; nunca antes uma mulher tinha ocupado um cargo tão alto lá.

No campo militar, a coragem é altamente valorizada, virtude que, se relacionada às armas, segundo os homens, muitas damas não tem. Talvez a força física também fosse importante, mas, como ela sempre se perguntava, de que isso adiantaria sem um bom cérebro para raciocinar? O que, comprovadamente, nunca faltou a elas, Marie Curie e seu *Nobel* são provas (mortas, infelizmente) disso. Com alguns meses de trabalho, os comentários cessaram, ela provou, repetidas vezes, que era merecedora do cargo e que sua competência era inquestionável, até que cometeu um mísero equívoco.

Em um caso, as digitais foram cruzadas erradamente no sistema e o réu, vítima de sua acusação, foi preso inocentemente. A descoberta da situação foi seguida pela reclamação do Estado, que, obviamente, fez pesar a responsabilidade sobre seus ombros. Juízes, promotores, supervisores, todos a julgaram incompetente; não aceitaram suas desculpas ou sequer ouviram a explicação sobre o defeito que afetara o sistema. Engraçado, quando perguntara a Heitor, seu assistente do escritório, se aquilo ocorrera com algum chefe antes ele respondeu: “É claro, com o último aconteceu umas dez vezes, mas nem reclamaram.”.

Com aquela resposta notara a repetição do velho machismo, o qual começara a enfrentar desde a sua formação na Academia de Polícia. A falta de confiança dos policiais em mulheres é notável; jamais deixariam suas vidas nas mãos de uma policial. Mas, para a felicidade de Àgata, Heitor provou-se diferente. Ele lhe creditava confiança inabalável, e ainda era eficiente e atencioso, virtudes que logo chamaram-lhe a atenção. Entre saídas para tomar um café, nos intervalos do expediente, e jantares, um sentimento mais forte que amizade instalou-se entre os dois. Sete meses depois estavam morando juntos e nunca

misturavam trabalho e vida pessoal.

Apesar da proximidade que tinham, os textos dele eram como segredos exclusivos, até mesmo para ela. Dizia-lhe que eram apenas seus pensamentos ruins passando para o papel. “O velho ditado já diz: de médico e louco todo mundo tem um pouco. Eu só estou passando um pouco do louco para o papel, amor.”, e ela se conformava com a explicação. Após o caso das digitais, ainda aconteceram outros, mas o apoio de Heitor restaurava-lhe a força para ultrapassar aquelas barreiras. Enquanto a crise passava e a confiança com seus patrões era restaurada, no trabalho não lhe faltavam críticas.

“Por que obedecer uma mulher que nem tem os meus vinte anos de carreira aqui?” ; “Essa aí não vai durar aqui, só faz besteira, nem sabe acusar alguém direito!”. Aqueles comentários a aborreciam, ela sabia pensar tão bem quanto qualquer homem. Anos de carreira não significam experiência, apenas marcam a persistência em exercer sempre as mesmas funções, sem importar-se com melhoras, caso contrário estaria em um cargo acima daquele, o qual, naquelas circunstâncias, era dela e que, equivocadamente, era reivindicado por tantos deles. Notara agora que se esquecera do conselho da sua irmã, aquele referente a descansar, mas não acreditava que isso incluísse sua mente, então seguiu com seu intenso fluxo de memórias.

Na noite do dia 13 daquele mês, Heitor saíra mais cedo do trabalho seu expediente, às vezes, era mais curto que o dela. Àgata voltou para casa. Ao entrar, estranhou a escuridão, normalmente as luzes estariam acesas por causa dele. As ligou e logo o recado que encontrava-se sobre a mesa de centro. Lia-se o seguinte: “Amor, sei que sempre quisestes saber o que minhas cartas continham, te dou agora a oportunidade de sabê-lo. Encontre-me na nossa praia, aquela do primeiro beijo. Te esperarei enquanto vejo essa lua cheia que tanto me lembra você.”.

Ela rumou para o local marcado. Quando chegou, viu que a saudava com o sorriso que sempre a transformava de Chefe do Departamento para uma adolescente apaixonada. Ele não tinha o rosto muito marcado pelo tempo, como era de se esperar, na verdade era lindo. Seus olhos o eram ainda mais, coloridos por um tom de verde, a cor preferida dela. Não falou nada, apenas entregou-lhe uma carta, a qual leu com concentração e curiosidade tão grandes que foi capaz de esquecer-se do mundo ao redor. Estava escrito o que se segue.

“Querida Àgata,

Sua doçura e encantamento sempre me intrigaram. O que uma pessoa como aquela poderia querer num lugar como a polícia? Sua capacidade de raciocínio e a forma como encontra culpados são incríveis, confesso que demorei muito tempo para entender os métodos que usava, mas creio que agora os domino tão bem quanto você. Obrigada por ensinar-me com tal excelência, mesmo que nunca note. Quando ultrapassei os limites do profissionalismo com você, não tinha idéia do que estava fazendo, mas sabia que havia um plano traçado para minha vida, e que você faria parte dele. Não me arrependo disso, nem por um momento, não tenho do que reclamar sobre ti, tens seguido os passos que tão cuidadosamente planejei. Espero que entenda o que farei agora. Veja, sempre fui altamente ambicioso, tudo o que almejo, consigo, eu quis você e olhe no que deu. Sempre quis seu cargo e o terei. Conheço seus métodos, portanto nada me impede. Desculpe, a loucura da minha ambição consumiu o que me restava de sanidade. “De médico e louco todo mundo tem um pouco”, lembra? Novamente, me desculpe, amor, mas agora só me resta o louco.”

Ela levantou o rosto. O cano da arma apontava para seu coração, aquele que antes disparava ao vê-lo, mas que naquele momento parara com o medo, temor que só piorou ao

notar que os lindos olhos verdes pareciam cruéis agora. Não possuía a própria arma consigo naquele momento para lhe dar coragem.

Sinto muito, amor. Você é, ou melhor, era uma parte da minha vida; um pedaço necessário, porém eliminável. sua voz não possuía a doçura anterior. Era cruel e fria Nunca duvidei da sua capacidade como policial, mas quanto à chefia, sejamos sinceros, um homem é sempre mais adequado que uma mulher para comandar. Não quero que isso se inverta como acontece ultimamente, não no meu trabalho. Eu serei melhor chefe, inclusive graças a você e seus ensinamentos, assim como dizia na carta.

Você não faria... ela começou a dizer, mas foi interrompida.

A arma disparou. O sangue que manchara as roupas era tão carmim quanto o cetim da cama.

Eu já fiz.

Foram as últimas palavras que ouvira. “É, machismo mata mesmo.”, ela pensou debilmente, pois aquela era uma frase que lera diversas vezes, a qual estampava o muro da casa vizinha à que antes fora sua. Lembrava-se dos dados que lera durante uma pesquisa sobre assassinato de mulheres, tão altos no Brasil. Agora seria mais um número, apenas para chocar as pessoas. Faria parte de mais um milhar de casos de assassinatos, que, nem mesmo as leis, julgadas mais severas, não foram capazes de mudar.

Sua cama carmim fechava-se agora. Daqui a pouco estaria abaixo das injustiças, leis e da própria terra. O seu tempo acabara, mas ao menos provara que era capaz, superior à críticas e preconceitos seculares, assim como sabia que tantas outras mulheres fariam. Sem perder a feminilidade, provariam que o punho forte' não é privilégio masculino. Nada do que Àgata fez foi em vão, não será esquecido. Mas tudo ficava escuro agora. Ela seguiria o conselho da irmã. Um descanso para sempre. Sem o feliz, mas, ainda assim, eterno.